

OS PRIMEIROS BATISTAS E A PRÁTICA DO BATISMO

FIRST BAPTISTS AND THE PRACTICE OF BAPTISM

LOS PRIMEROS BAUTISTAS Y LA PRÁCTICA DEL BAUTISMO

RESUMO

Este artigo explora a perspectiva dos Primeiros Batistas na Inglaterra do século XVII em relação a prática do batismo. Os Primeiros Batistas eram um grupo protestante que professavam o batismo apenas daqueles que professavam publicamente a fé em Jesus Cristo e pela prática imersionista. Eles rejeitavam o batismo infantil e consideravam o batismo uma ordenança que representava a morte, sepultamento e ressurreição do crente à semelhança de Jesus Cristo. O artigo discute as origens do movimento Batista no que conhece por batistas gerais e batistas particulares, além de algumas crenças e práticas relacionadas ao batismo, e as controvérsias que surgiram em torno dessa questão na Inglaterra do século XVII. O texto também destaca a importância do batismo para os Batistas e sua relação com a salvação e a vida cristã. O batismo era visto como uma confissão pública de fé em Jesus Cristo e uma demonstração de compromisso com a vida cristã. Isso levou-os a rejeitar o batismo infantil, pois acreditavam que as crianças não eram capazes de tomar uma decisão consciente de seguir a Cristo. No entanto, o batismo na perspectiva dos Batistas não foi aceito por todos na Inglaterra do século XVII. Eles enfrentaram muitas controvérsias e perseguições por causa de suas crenças e práticas, incluindo a prisão e a execução de alguns líderes Batistas. Apesar das dificuldades enfrentadas, os Batistas continuaram a crescer e se espalhar por toda a Inglaterra e além. Eles foram uma influência significativa no movimento Batista como um todo, e suas crenças e práticas relacionadas ao batismo continuam a ser uma parte importante da identidade Batista até os dias de hoje. Diante disso, este artigo procurará responder alguns pontos importantes, por exemplo, como surgiram os batistas? Quem foram os batistas gerais e os batistas particulares? Como surgiu a prática do batismo de adultos? Como ressurgiu a prática do batismo por imersão?

Palavras-chave: batistas particulares, batismo, Inglaterra do século XVII

¹ Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada, pela FABAPAR. Brasil. E-mail para contato: amllima@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A história do cristianismo é marcada por uma variedade de tradições e práticas, a grande maioria destas práticas acabam por definir algumas destas tradições, e este é o caso dos batistas, onde a prática do batismo acabou por definir a própria tradição em si. Esta tradição tem sua gênese no século XVII, na Inglaterra, no movimento puritano, que saiu do seio da Igreja Anglicana. O cenário religioso era marcado por intensos debates teológicos e transformações sociopolíticas. Nesse contexto, emergiram os Batistas, primeiramente Gerais, com influências diretas de Jacobs Arminius e depois os chamados Batistas Particulares, um outro grupo protestante independente que defendia e professava uma visão clara sobre o batismo, enraizada na teologia do novo testamento e com fortes influências calvinistas, ambos os grupos lutavam incessante pela liberdade religiosa.

Este artigo visa analisar o batismo na perspectiva dos Primeiros Batistas na Inglaterra do século XVII, explorando as origens históricas e as contribuições teológicas desse movimento. Serão abordadas questões como a distinção entre os Batistas Particulares e os Batistas Gerais, a influência recebida do calvinismo na teologia batista, e o papel do batismo de crentes por imersão como distintivo neotestamentário em contraposição ao batismo de infantes e o batismo de adultos por aspensão ou efusão.

Através da análise de documentos e registros históricos, bem como de obras teológicas produzidas por teólogos e primeiros Batistas, buscaremos compreender as raízes e a evolução do pensamento batista no contexto inglês do século XVII. Além disso, investigaremos as implicações práticas dessa visão para a vida comunitária e a prática do batismo nas congregações locais deste tempo.

Com este estudo, esperamos contribuir para uma compreensão mais aprofundada do batismo de adultos e por imersão na tradição protestan-

te, especialmente no contexto histórico e cultural da Inglaterra do século XVII. Também pretendemos destacar a relevância do legado dos Batistas para o desenvolvimento da teologia e das práticas eclesiais, bem como para a promoção da liberdade religiosa e da diversidade de expressões de fé no cristianismo.

1 BREVE HISTÓRICO DOS BATISTAS GERAIS E PARTICULARES

Inicialmente é preciso definir de forma brevíssima as três principais teorias que ensinam acerca do surgimento dos batistas. As três teorias são (1) Teoria JJJ – Jerusalém, Jordão, João Batista; (2) Teoria Anabatista e (3) Teoria Separatistas ingleses. O renomado pastor e historiador batista Dr. Zaqueu Moreira de Oliveira afirma que a Teoria JJJ – Jerusalém, Jordão, João Batista ensina que há uma sucessão ininterrupta de alguns grupos que ao longo da história mantinham “certas” características que os distinguem dos demais e que estas características são semelhantes ao que hoje se professa como batista, contudo, assevera que esta teoria falta de elementos históricos robustos (Oliveira, 2014, p. 58). Esta teoria foi amplamente divulgada por meio de um livro de autoria do pastor batista norte-americano J. M. Carrol (1858–1931) intitulado “O Rasto de Sangue”, onde o autor discorre sobre esta teoria (Paixão, 2021, p. 27). Cabe ressaltar que atualmente muitos batistas no Brasil defendem esta teoria, dada a ampla disseminação existente entre os seminários batistas. Corroborando com isto, há um texto no site da CBB – Convenção Batista Brasileira que indica ser esta a posição oficial da convenção:

Com o nome de Batista existimos desde 1612, quando Thomas Helwys, de volta da Holanda, onde se refugiara da perseguição do Rei James I da Inglaterra, organizou com os que voltaram com ele uma Igreja em Spitalfields, arredores de Londres².

Ao afirmar peremptoriamente que “com o nome Batista existimos desde 1612”, pode levar a compreensão que os Batistas podem ter existido com outros nomes anteriormente a 1612 e com isso deixa margem a uma predileção pela teoria JJJ – Jerusalém, Jordão e João Batista., por parte da CBB - Convenção Batista Brasileira, pois é exatamente isso que esta teoria defende, que durante todo o período do ano 30 d.C até o século XVII os batistas existiram com outros nomes como Montanistas, Novatistas, Donatistas, Paulicianos, Albingenses, Waldenses, Anabatistas e etc. (Carrol, 2021, p. 19).

A segunda teoria é a Teoria Anabatista ou simplesmente da herança espiritual dos Anabatistas. Esta teoria, em suma afirma que, de alguma forma os batistas sofreram influências espirituais dos anabatistas em relação ao princípio anti-pedobatismo, ou seja, ao rechaçar o batismo de infantes. Oliveira (p2014, p. 60) afirma que este grupo chamado Anabatista existe desde o século III como sendo uma designação de diversos grupos condenados por hereges por praticar um batismo diferente. Na idade média este grupo ficou conhecido como sendo um grupo radical e fora da lei que defendia em certa medida uma sociedade anarquista. É importante ressaltar que os batistas quando surgiram no século XVII no prefácio de sua 1ª Confissão de Fé Batista de Londres de 1644, apresentado pelos batistas particulares descrita como “A confissão de fé de sete congregações ou igrejas de Cristo em Londres, que são comumente, embora injustamente, chamadas de Anabatistas” (Teixeira, 2015, p. 2).

A terceira teoria, que será considerada neste artigo é a teoria originária dos separatistas ingleses. Haykin, Finn e Chute (2022, p. 23) afirmam que

² Trecho de texto extraído de “Quem Somos como Batistas”, disponível em https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24 – acessado em 29 mar 2023 às 13:16.

esta teoria é a que possui consistente embasamento histórico e é majoritariamente aceita no mundo acadêmico. Esta teoria comprova o fato que o movimento batista como é conhecido hoje são frutos do movimento puritano separatista inglês do século XVII. Esta teoria será considerada e explorada a seguir neste artigo com duas vertentes diferentes, os batistas gerais e os batistas particulares. Primeiramente com a igreja separatista de John Smith e Thomas Helwys, inicialmente em Gainsborough, Inglaterra (Oliveira, 2014, p. 62).

Acerca do surgimento do grupo dos batistas gerais se deu de forma amplamente conhecida por muitos, por esta razão não será exposto de forma exaustiva e nem de forma pormenorizada. No ano de 1609, surgiu na Holanda um pequeno grupo de ingleses exilados, que mais tarde foi denominado de Batistas Gerais, eles eram formados por separatistas ingleses. O motivo de estarem na Holanda foi a fuga da perseguição promovida pelo rei Tiago I. Na Holanda sob a liderança de dois homens, John Smith e Thomas Helwys, fundaram aquela que ficou conhecida como a primeira Igreja Batista (Paixão, 2022, p. 58-64). Corroborando com isto (OLIVEIRA, 2014, p. 62-66), aponta que primeiro pastor foi John Smith, que tinha formação teológica em Cambridge. Ele contou com um auxiliar muito importante, que era leigo e advogado, Thomas Helwys. Eles, que antes eram anglicanos, tornaram-se seguidamente separatistas e puritanos, e logo depois precursores dos batistas, recebendo influências diretas dos anabatistas Waterlands. A enorme contribuição que os batistas gerais trouxeram foi uma incansável luta pela liberdade religiosa defendida de forma ferrenha por Helwys na sua obra “Breve declaração do mistério da iniquidade”, publicada em 1612³.

Os Batistas Gerais, também conhecidos como Batistas Arminianos, eram uma vertente do movimento batista que defendia a ideia de que a salvação era acessível a todos, independentemente da predestinação divina. Eles acreditavam que a salvação era possível através da fé em Jesus Cristo

³ Para maiores informações acerca dos escritos de John Smith e Thomas Helwys recomenda-se a consulta da obra de Oliveira, 1997.

e que o batismo por imersão era uma forma de demonstrar essa fé. Os batistas gerais foram perseguidos e oprimidos pelo estado inglês e pela Igreja Anglicana, que os consideravam uma ameaça à sua autoridade e poder. Muitos batistas foram presos, torturados e executados por suas crenças religiosas. Apesar das perseguições, os batistas gerais continuaram a crescer e se espalhar pela Inglaterra e outros países. Eles fundaram igrejas independentes e se organizaram em associações para promover a cooperação entre as igrejas. Hoje, os batistas gerais são uma das maiores denominações cristãs do mundo, com milhões de membros em todo o mundo. Eles continuam a defender a liberdade religiosa e o batismo por imersão como uma forma de demonstrar a fé em Jesus Cristo.

Já os Batistas Particulares tiveram início de forma independente dos batistas gerais por volta dos anos de 1633/1638. Há de alguma forma uma breve indicação de influência anabatista por meio da fonte histórica conhecida como Manuscrito Kiffin⁴ onde é descrito o retorno de Richard Blunt da Holanda com cartas, provavelmente como orientações anabatistas quanto ao batismo por imersão (Paixão, 2022, p. 37), este grupo foram liderados por John Spilsbury e Richard Blunt. Assim os Batistas Particulares vieram do movimento separatista inglês e surgiram por volta do início da década de 1630. Eles foram influenciados pelo reformador francês João Calvino e mantinham uma forte posição a favor da expiação “particular” ou limitada.

A primeira igreja com características batista e particular foi fundada por volta de 1633 pelo pastor Samuel Eaton, que posteriormente foi reconhecida como a igreja JLJ – das iniciais dos seus primeiros pastores: Henry Jacob; John Lathrop e Henry Jessey (Haykin; Finn; Chute, 2022, p. 40). Após, dentro desta mesma igreja surge John Spilsbery que mais tarde se torna pastor dela em 1638, e a partir de então é considerado como sendo o primeiro pastor batista particular. EM seguida houve um passo muito significativo para os batistas particulares, que foi a produção da Primeira

⁴ Para maiores informações acerca do Manuscrito Kiffin acesse o site do blog Rastro de Água <https://rastrodeagua.wordpress.com/2018/07/03/ms-k/>

Confissão de Fé de Londres em 1644 por Jonh Spilsbery, William Kiffin e Hansed Knollys, dentre outros, redigiram uma confissão onde eles declaravam suas crenças e de suas congregações.

Um total de quinze pastores Batistas Particulares participaram da elaboração deste documento representando as setes igrejas e impresso por Matthew Simmons em Aldersgate-street, no ano de 1644⁵ (Teixeira, 2015, p. 3), essa confissão precedeu a famosa Confissão de Fé de Westminster por dois anos. O objetivo principal da confissão era de acabar com a confusão provocada pelos ingleses, que continuavam dizendo que os batistas eram anabatistas, tanto isso é verdadeiro que já no prefácio da obra é dito ““A confissão de fé de sete congregações ou igrejas de Cristo em Londres, que são comumente, embora injustamente, chamadas de Anabatistas” (Teixeira, 2015, p. 2).

Desde então, os batistas se desenvolveram e cresceram dentro da Inglaterra como sucessores de uma reforma um pouco mais profunda dentro de uma Igreja Anglicana onde existia uma teologia mais protestante contudo uma liturgia e eclesiologia mais católica, sendo assim os batistas podem ser vistos como um dos grupos herdeiros do puritanismo inglês (Haykin; Finn; Chute, 2022, p. 15-16). Notavelmente os batistas sempre tiveram em seu DNA alguns temas que fortemente são defendidos e reconhecidos como distintivos. Pode-se destacar a Bíblia Sagrada como única regra de fé e prática, uma defesa da separação entre a igreja e o estado, uma defesa da liberdade de consciência e o batismo de crentes por imersão, mediante pública profissão de fé como será abordado na sequência. Outro aspecto muito relevante dos batistas é um imenso interesse por missões. Uma preocupação evidente em anunciar a mensagem das boas novas contidas na Bíblia Sagrada a todos as pessoas e em todos os lugares do mundo.

⁵ Para uma leitura completa da Primeira Confissão de Fé Batista de Londres acesse <https://oestandardedecristo.com/https://oestandardedecristo/loja/a-confissao-de-fe-batista-de-1644/>

2 OS BATISTAS E O BATISMO

Como característica Sempre houve ao longo da história da teologia cristã algumas discussões em torno de assuntos práticos da vida da igreja. Dentre os assuntos debatidos está o batismo, ou melhor a forma e o significado batismo. Historicamente existem dois tipos principais de grupos cristãos: os pedobatistas⁶ e os credobatistas⁷. Os grupos pedobatistas mais conhecidos são os católicos, anglicanos, luteranos, congregacionais e presbiterianos, estes são comumente chamados de pedobatistas, porque todos batizam crianças pequenas, contudo cada um desses grupos, assim praticam por diferentes razões teológicas. Já os batistas e muitas outras tradições contemporâneas podem ser consideradas como credobatistas, pois batizam somente adultos, mediante uma pública profissão de fé.

Jeffrey Johnson (2018, p. 25) afirma que existem basicamente duas compreensões para as práticas do batismo, sendo a prática do pedobatismo tipicamente associada a duas posições principais: aqueles que sustentam que o batismo infantil proporciona a salvação por meio do próprio rito (ex opere operato, ou “pelo trabalho realizado”), e no outro grupo aqueles que acreditam que enquanto o batismo infantil não concede inerentemente a salvação, contudo, considera sendo um ato necessário.

Dentre estes grupos ainda há oito formas diferentes de se interpretar o batismo infantil que não serão abordados neste breve artigo, contudo, cabe a citação: (1) Fides Aliena: A igreja supre a fé necessária para o batismo pelo infante; (2) Fides Infusa: O batismo infunde fé no infante; (3) Fides Infantium: A fé dos próprios infantes está presente no batismo; (4) Simbolismo Sacramental: A legitimidade do batismo infantil é independente da fé; (5) Pré-credobatismo: O batismo precede a fé no infante,

⁶ Pedobatistas (do grego pedo significando “criança”) são aqueles que advogam a prática do batismo infantil.

⁷ Pedobatistas (do Latim, credo, “eu creio”) são aqueles que acreditam que o batismo é reservado somente para crentes, acompanhado por uma profissão pública de fé.

mas não garante a fé; (6) Regeneração Presumida: A igreja presume que os seus infantes batizados têm fé até que se prove o contrário; (7) Regeneração Batismal: O batismo comunica fé a todos os infantes (incluindo os não eleitos) e (8) Pedofé: Os infantes têm fé antes do batismo⁸.

Sem, necessariamente, considerar todas as interpretações possíveis acima, apenas analisando o batismo na igreja primitiva⁹ Stander e Louw (2022, p. 25) apontam que a interpretação do batismo é realmente uma questão extensivamente bíblica, independentemente de qual ponto de vista seja defendido. Além disso, neste debate tornou-se muito comum apelar para a história da igreja primitiva, isto, porque, geralmente quando há uma disputa acerca da veracidade de uma prática é preciso retornar o mais perto possível do início desta prática para averiguar se lá no começo a prática do batismo era realizada de acordo com aquilo que se entende como a forma e a compreensão bíblica.

Em relação ao batismo de infantes é uma prática reconhecida na igreja antiga e disso não se deve olvidar, pois possui um certo lastro histórico dentro da igreja. Muito embora possa haver debate sobre o fato se esta prática foi originalmente apostólica ou não, tendo em vista que não há menção clara ao batismo infantil no Novo Testamento e nenhum dos escritos da patrística nos séculos I e II, mas somente a partir do século III com algumas igrejas que a utilizavam (Johnson, p.26, 2018). A partir disso pode-se observar que um dos registros mais antigos sobre batismo é o de Tertuliano de Cartago, que tinha por título “Sobre o Batismo” e que foi escrito por volta dos anos de 200 d.C. – 206 d.C. onde ele tinha por objetivo principal desacreditar a legitimidade do batismo de bebês (Johnson, p.26, 2018). Veja o recorte abaixo de Tertuliano, falando a respeito do batismo na sua época, a partir deste excerto fica pouco provável que um bebê passasse pelo rito de batismo.

⁸ Para uma visão mais detalhada para cada um destas formas recomenda-se a leitura da obra Johnson, 2018.

⁹ Para uma análise mais detalhada acerca do desenvolvimento da prática e compreensão do batismo na igreja primitiva recomenda-se a leitura da obra de Stander, 2021.

Se não está prescrito em nenhuma passagem da Escritura, não há dúvida de que o costume, decorrente da tradição, o confirmou. Por que como algo pode entrar em uso que não foi passado adiante? Você até diz que, ao defender a tradição, a autoridade escrita deve ser exigida. Perguntemos, então, se a tradição, a menos que seja escrita, não deve ser admitida. [...] Vou começar com o batismo. Pouco antes de entrar na água, na presença da congregação e sob a mão daquele que preside, professamos solenemente que renunciamos ao diabo, sua pompa e seus anjos. Naquele momento, mergulhamos três vezes, fazendo uma promessa um pouco mais ampla do que o que o Senhor designou no Evangelho. (Stander; Louw, 2022, p. 65)

Bem, a partir de então, se presume que o batismo infantil não era uma prática unânime na igreja primitiva, até pelo menos o segundo século. Há claro que além da compreensão do batismo como o rito deveria ser administrado somente em pessoas com a capacidade de solenemente renunciar ao diabo e professar publicamente sua fé, ato este que seria impossível de ser realizado por um bebê. Contudo, havia na própria cidade de Cartago outro pai apostólico chamado Cipriano de Cartago, ele foi o primeiro autor reconhecidamente a escrever em apoio ao batismo infantil. Na sua obra “Epístola 58”, ele apresenta como argumento uma decisão que surgiu do sínodo africano realizado no ano de 253 d.C., onde se exige o batismo infantil, não simplesmente como uma opção, mas como um dever da igreja (Johnson, 2018, p. 26).

Dito isto, a discussão acerca do indivíduo a quem deveria ser administrado o batismo, de infantes ou somente adultos confunde-se também com a forma, se deveria ser por imersão ou aspersão. é claro que este artigo não pretende esgotar o assunto, pois demandaria de muitas e muitas páginas a mais e não há esta pretensão, tendo em vista existir muitas obras de boa qualidade teológicas indicadas nos rodapés deste artigo, contudo, precisamos considerar a opinião de um dos maiores nomes da reforma protestante. João Calvino, sabidamente um dos mais reconhecidos reformadores do século XVI e um pedobatista assumido em seus escritos ao

defender tanto o pedobatismo – batismo de infantes, como o modo de aspergir água em vez de imergir na água. O próprio Calvino em sua obra mais famosa “As Institutas da religião Cristã” afirma e reconhece que o termo batizar significa imergir e que esta era a prática da igreja primitiva:

Se a pessoa batizada deve ser totalmente imersa, e isso uma ou três vezes, ou se ela deve ser apenas aspergida com água, não é de mínima conclusão: as igrejas devem ter a liberdade de adotar um ou outro de acordo com a diversidade de climas, embora seja evidente que o termo batizar significa imergir, e que esta era a forma utilizada pela Igreja primitiva. (Calvino, 2006, p. 307).

O Dr. Downing (2015, p. 9) aponta que o próprio Arcebispo anglicano Whately, conhecidamente pedobatista, reconhece que até o quarto século havia pouquíssimas exceções de prática de batismo, que não fosse por imersão “exceto em ocasiões extraordinárias, o batismo era raramente, ou talvez nunca, administrado durante os primeiros quatro séculos, senão por imersão ou mergulho”. A prática do batismo é uma ordenança tipicamente neotestamentária e que deve ser aplicado à igreja e à economia do Novo Testamento. Ele representa de forma simbólica a representação da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo, como é afirmado no texto de Romanos 6:3-5 - NAA:

3. Ou acaso se esqueceram de que, quando fomos unidos a Cristo Jesus no batismo, nos unimos a ele em sua morte? 4. Pois, pelo batismo, morremos e fomos sepultados com Cristo. E, assim como ele foi ressuscitado dos mortos pelo poder glorioso do Pai, agora nós também podemos viver uma nova vida. 5. Uma vez que nossa união com ele se assemelhou à sua morte, assim também nossa ressurreição será semelhante à dele.

Logo, se tem a correta compreensão por parte dos batistas que o batismo é um ato identificatório com a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo, como descrito no texto de Romanos acima citado. Disto

isto, ao receber o batismo indica que a pessoa se identifica publicamente como um símbolo do neotestamentário¹⁰ que ele representa, de pertencimento ao grupo cristão. O batismo é, portanto, ao mesmo tempo um ato de obediência, discernimento e submissão à fé Cristã.

3 BATISMO DE CRENTES POR IMERSÃO: UM DISTINTIVO NEOTESTAMENTÁRIO E BATISTA

Após estas breves considerações acerca do batismo, suas distinções e implicações, é preciso considerar como os batistas chegaram à conclusão de que o batismo deveria ser administrado a crentes, mediante pública profissão de fé e de forma imersionista¹¹. Como foi apresentado anteriormente havia como prática comum entre a igreja católica romana e a igreja anglicana, bem como por movimentos reformados que surgiram no século XVI e XVII, a prática pedobatista e por aspersão, como um padrão seguido por todos, com leves exceções do grupo anabatista que havia tido uma compreensão diferente e que posteriormente influenciou os batistas gerais.

É sabido que a prática do batismo naquele tempo era comumente aspersionista¹² e raros casos efusionista¹³. Os batistas eram um grupo ainda pouco reconhecido e por muitos da sua época eram confundidos com os

10 Para um aprofundamento maior a respeito deste assunto, recomenda-se a leitura da obra DOWNING, William R. Batismo de crentes por imersão, um distintivo neotestamentário e batista. Francisco Morato: Editora O Estandarte de Cristo, 2015. disponível em <https://oestandartedecristo.com/data/BatismodeCrentesporImersCeoUmDistintivoNeotestamentCarioeBatistaWilliamR.Downing.pdf>

11 Nome dado à prática de batismo que tinha como ato/efeito mergulhar o indivíduo por completo em água.

12 Nome dado à prática de batismo que tinha como ato/efeito de aspergir água sobre a cabeça do indivíduo.

13 Nome dado à prática de batismo que tinha como ato/efeito de derramar água sobre a cabeça do indivíduo.

anabatistas, outro grupo, que era considerado por muitos um grupo violento e revolucionário. Muito embora, os próprios batistas particulares por ocasião de publicação da sua Confissão de Fé Batista de 1644, obra está publicada dois anos antes da famosa Confissão de Fé de Westminster de origem pedobatista. Veja o que os primeiros batistas asseveram na introdução da obra:

A CONFISSÃO DE FÉ de sete congregações ou igrejas de Cristo em Londres, que são comumente, embora injustamente, chamadas de Anabatistas; publicada pela vindicação da verdade e a informação dos ignorantes; semelhantemente para a remoção daquelas calúnias que são com frequência, tanto no púlpito e por impresso, lançadas injustamente sobre elas.¹⁴

Haykin (2020, p. 127) ainda assevera que além dessa acusação havia também a acusação que os batistas cometiam atos impróprios na dispensação do batismo por colocar a vida e saúde das pessoas em risco ao batizá-las em rios, lagoas e lagos no norte da Inglaterra em um período de muito frio, sendo até mesmo instigados a não os considerar como cristãos. Tendo tudo isso em vista, retornamos à pergunta, como os batistas chegaram à conclusão que deveriam batizar por imersão e apenas adultos professos? A resposta para a pergunta ficou cada vez mais clara ao longo do artigo, contudo, cabe aqui apresentar de forma bem mais precisa e breve.

Os batistas gerais surgem primeiro como apresentado no início deste artigo sob a liderança de John Smith, que ao analisar questões relacionadas ao fato que ele considerava a Igreja da Inglaterra como uma igreja falsa, logo, chegou à conclusão de que seu batismo, que havia sido administrado na sua infância pela Igreja estatal também tinha sido inválido, por ela não ser uma igreja verdadeira. Juntamente com esta afirmação, pela

¹⁴ Recomenda-se a leitura de toda a apresentação da Confissão de Fé Batista de 1644., onde os autores apresentam que são cristãos e que negam o pedobatismo, bem como, a comparação com o anabatismo. Veja mais em <https://oestandartedecristo.com/https://oestandartedecristo/loja/a-confissao-de-fe-batista-de-1644/>

leitura do Novo Testamento, em especial aos textos onde era mencionada a prática do batismo, chegou à percepção que o batismo deveria ser administrado somente a crentes, mantendo totalmente silente acerca da prática de imersão. Diante disso, o próprio John Smith por meio de estudos no Novo Testamento em Grego chegou à conclusão de que o batismo infantil administrado pela Igreja da Inglaterra não deveria ser considerado válido e em 1609, John Robinson faz o seguinte relato deste fato:

Senhor Smith, senhor Helwys e o restante, tendo completamente dissolvido e renunciado a sua Igreja anterior, organização e ministério, reuniram-se para erigir uma nova Igreja. Pelo batismo à qual eles também atribuíram tão grande virtude, como se eles não pudessem mais orar juntos, antes que isso ocorresse. E depois de algum esforço de cortesia, sobre quem deveria começar (...) Senhor Smith batizou primeiro a si mesmo e depois ao senhor Helwys e assim o restante, fazendo suas confissões particulares. (Robinson, citado por Oliveira, 1997, p. 37)

Logo em seguida, então, Smith publicou em 1609 sua nova posição na obra intitulada “O caráter da besta” onde ele defende basicamente duas proposições: (1) As crianças não devem ser batizadas e (2) Que os anticristãos convertidos devem ser admitidos na verdadeira Igreja pelo batismo. Esta linha levou Smith a uma situação totalmente inusitada:

Ele (Smith) reconhecia que precisava ser batizado, mas, em tal situação de apostasia plena, ele sentia que não havia ninguém a quem pudesse recorrer para receber um batismo adequado. Então, ele deu o passo radical e, para seus contemporâneos, chocante de batizar a si mesmo por espargimento e batizou sua congregação da mesma forma. (Haykin; Finn; Chute, 2022, p. 15-16).

Este ato de Smith de batizar a si mesmo, foi considerado por muitos um ato radical. Note que o batismo praticado por ele a si próprio, bem como à sua congregação foi a forma de espargimento ou simplesmente aspersão. Em seguida Smith procurou aproximar-se de menonitas Waterlands

para investigar a maneira que eles batizavam e suas posições teológicas de modo a formar suas próprias convicções. Neste ponto Smith percebeu que sua prática de auto batismo foi equivocada e precipitada e logo propôs para sua congregação unir-se aos anabatistas Waterlands ainda na Holanda. Com esta proposta Smith estava admitindo que seu batismo e de toda a congregação foi inválido e que teriam de novamente serem batizados. Esta proposta encontrou resistência forte por parte de Thomas Helwys e mais alguns irmãos que decidiram retornar para a Inglaterra, enquanto Smith e os demais foram fortemente influenciados e por fim, absorvidos pela congregação menonita na Holanda.

O fato marcante do auto batismo, posteriormente levou a uma forte cisão entre os dois líderes da pequena congregação de Smith e Helwys. Oliveira (1997, p. 38-41) aponta que a maior parte, cerca de 30 pessoas acompanharam Smith e se aliaram aos anabatistas e por fim foram absorvidos por eles, enquanto, cerca de 10 pessoas acompanharam Helwys de volta para a Inglaterra em 1612.

A Igreja de Helwys, iniciada no pastorado de Smyth em 1609, foi a primeira igreja batista da qual há continuidade até os dias presentes. O contato com os menonitas, únicos preservadores da tradição anabatista do século XVI, influenciou a adoção, por esses batistas, da teologia arminiana, e não a calvinista que sempre foi aceita pelos puritanos e separatistas ingleses” (Oliveira, 2014, p. 62).

A pergunta mais relevante a ser feita a partir de agora é quando o batismo por imersão começou a ser praticado pelos batistas? Haykin (2020, p. 54) aponta que foram os batistas particulares que recuperaram a prática do batismo por imersão por volta da década de 1640. Como comentado inicialmente no tópico dos batistas particulares, os batistas surgem daquilo que ficou historicamente conhecido como Igreja JIJ (Henry Jacob, John Lathrop e Henry Jessey). A partir desta igreja surge por meio de William Kiffin o relato historicamente conhecido como Manuscrito Kiffin, onde é demonstrado que houve inicialmente a prática do batismo por imersão no meio dos batistas particulares:

O assim chamado “Manuscrito Kiffin”, doravante MSK, é um dos documentos conhecidos mais importantes para o estudo histórico das origens batistas a partir da tese separatista-puritana. Apesar de todas as suas limitações, é um documento que registra o advento da prática imerscionista entre os batistas e o surgimento daquelas que seriam, mais tarde, chamadas de Igrejas Batistas Particulares. A menção inaugural do manuscrito se deu no *The History of the English Baptists*, de Thomas Crosby. Há muitos problemas envolvidos na citação elaborada por Crosby do suposto manuscrito, mas isso merece uma atenção especial em outro momento. Por ora, eis a certidão de nascimento do manuscrito nos livros de história batista: “Isso está de acordo com um relato dado sobre a questão em um manuscrito antigo, que diz se ter sido escrito pelo Sr. William Kiffin, que viveu naqueles tempos e era um líder entre aqueles daquela inclinação.”¹⁵

Diante disso, tem-se como fonte histórica que o Manuscrito Kiffin revela algo muito importante para a história dos batistas e a prática imerscionista de batismo entre eles, pois demonstra que houve a compreensão da rejeição do batismo oficial da igreja da Inglaterra e a prática entre os irmãos daquela congregação do batismo por imersão. Veja abaixo a transcrição do próprio manuscrito:

Núm[ero] 2: Um velho manuscrito oferecendo algum relato daqueles Batistas que primeiramente se formaram em Congregações ou Igrejas distintas em Londres, encontrado entre certos documentos dados a mim pelo Sr. Adams. Diversos [membros] da Igreja, da qual o Sr. Jacob & Sr. John Lathorp haviam sido Pastores, estando insatisfeitos com o reconhecimento da Igreja de que as Paróquias Inglesas são Igrejas verdadeiras, desejaram dispensa e juntaram-se entre si, [tais] como o Sr. Henry Parker, o Sr. Thomas Shephard, o Sr. Sam[eu]ll Eaton, Mark Luker e outros, com quem [também] se juntou o Sr. William Kiffin. 1638. O Sr. Thomas Wilson, o Sr. Pen e H.Pen, e três outros, estando convencidos [de] que o Batismo não era para recém-nascidos, mas para crentes professos, juntaram-se com o Sr. John Spilsbury, desejando nisso o

¹⁵ *English Baptists*, vol. 1, p. 101 - disponível em <https://rastrodeagua.wordpress.com/2018/07/03/msk/> acessado em 29/06/2023 às 22:35.

consentimento da Igreja. 3º Mês. A Igreja tornou-se duas por consentimento mútuo, exatamente metade estando com o Sr. P[raise-God] Barebone e a outra metade com Sr. H[enry] Jessey. O Sr. Richard Blunt, estando com ele convencido do Batismo, que deveria ser por submersão do corpo na água, assemelhando-se ao sepultamento e ressurreição (2 Col: 2.12. Rom.6.4), teve diálogos sóbrios sobre isso na Igreja, e então com alguns dos sobreditos, que também estavam assim convencidos e, depois, oração e diálogo sobre eles desfrutarem disso. Ninguém havendo [até] então assim assim [sic] praticado na Inglaterra [o batismo] para crentes professos, e ouvindo que alguns nos Países Baixos assim o praticaram, eles concordaram e enviaram o Sr. Rich[ard] Blunt (que entendia Holandês) com cartas de recomendação, o qual foi gentilmente aceito lá e retornou com cartas deles: [de] Jo Batte, um Professor lá, e daquela Igreja para aqueles que o enviaram. Eles procederam ali da seguinte maneira. Aquelas pessoas que estavam persuadidas [de] que o batismo deveria ser por submersão do corpo, se reuniram em duas agremiações, e pretendiam assim se reunir depois disto: todos estes concordaram proceder igualmente juntos. E então, manifestando [consentimento] (não por quaisquer palavras formais ou pacto), qual palavra foi hesitada por alguns deles, mas por desejos mútuos e concordância cada [um] Testemunhou. Essas duas agremiações separaram uma para Batizar o resto, assim foi solenemente realizado por eles. O Sr. Blunt batizou o Sr. Blacklock, que era um professor entre eles, e o Sr. Blunt, sendo batizado, ele e o Sr. Blacklock batizaram o resto de seus amigos que estavam assim dispostos, e muitos sendo acrescentados a eles, eles cresceram muito. Os nomes de todos (11º Mês, Jan.), sendo Richard Blunt, Greg[ory] Fishburn, John Cadwell, Sam[uel] Eames, Tho[mas] Kilcop, Robert Locker, John Braunson, Rich Ellis, W[ilia]m Creak, Rob[er]t Carr, Martin Mamprise, Hen[ry] Woolmare, Rob[er]t King, Tho[mas] Waters, Henry Creak, Mark Lukar, Hen[ry] Darker, Eliz[abeth] Jessop, Sam[uel] Blacklock, Doro[the] Fishburn, Eliz[abeth] Cadwell, Tho[mas] Munden, William Willisby, Mary Lock, John Bull, Mary Langride, Mary Haman, Sarah Williams, Joane Ann, Eliz[abeth] Woolmore, Sarah Norman, Isabel Woolmoor, Judeth Manning, Mabel Lukar, Abigail Bowden, Mary Creak, Susannah King, Tho[mas] Shephard e sua esposa Mary Millisson. 41 ao todo. John Cattope, George Denham, Nicholas Martin, Tho[mas] Daomunt, Ailie

Stanford, Rich[ard] Colgrave, Nath Matthew Eliz[abeth] Hutchinson, Mary Burch, John Crosson, Sybilla Lees, John Woolmoore. Assim, 53 ao todo. Aqueles que estavam assim inclinados tiveram comunhão juntos e se tornariam Sete Igrejas em Londres. O Sr. Green, com o Cap[itão] Spencer começara uma Congregação em Crutched Fryers, à qual Paul Hobson se juntou, que era agora, com muitos daquela Igreja, uma das sete. Estas, tendo sido muito criticadas como doentias em Doutrina, como se elas fossem Arminianas e também contra os Magistrados etc., elas se uniram em uma Confissão de Fé em cinquenta e dois Artigos que deram grande satisfação a muitos que tinham sido preconceituosos. Assim subscreveram, em nome das sete Igrejas em Londres: W[ilia]m Kiffin, Tho[mas] Gun, Paul Hobson, Tho[mas] Patience, Jo[hn] Mabbet, Tho[mas] Goore, Geo[rge] Tipping, John Webb, Jo[hn] Phelps, John Spilsbury, Tho[mas] Kilcop, Edward Heath, Tho[mas] Shephard, Tho[mas] Munden.

Thomas Crosby, importante historiador batista inglês, que foi o casado com a filha do gigante batista Benjamin Keach, em seu livro de *The History of the English Baptist* publicado originalmente em 1738, aponta que este manuscrito, assim chamado “Manuscrito Kiffin”, é um dos documentos mais importantes para o estudo histórico das origens batistas. Este documento apresenta os registros do surgimento da prática imersionista entre os batistas particulares. Diante destes relatos observa-se que houve a prática do batismo por imersão por este pequeno grupo de batistas particulares em 1638-1641 na Inglaterra, como apontado no Manuscrito Kiffin.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento deste artigo foi possível perceber que a história dos batistas é intrigante, pois mesmo nascendo de dois grupos distintos oriundos dos separatistas ingleses, um fortemente influenciado pelas doutrinas do teólogo holandês Jacobus Arminius, os chamados batistas gerais e outro grupo, mais influência pelo reformado francês Johannes Calvinus, chamado de batistas particulares tiveram suas dificuldades e percalços pelo caminho. A história destes grupos sempre foi marcada pela luta por suas convicções em torno daquilo que entendiam ser o puro ensino dos apóstolos no Novo Testamento, seja para defender a liberdade de consciência e o batismo de adultos, como feito pelos batistas gerais, seja, a defesa e a prática do batismo por imersão como prática neotestamentária, como no caso dos batistas particulares.

Ao considerar este ponto inicial da prática imersionista de batismo e mediante pública profissão de fé os batistas não imaginavam a influência que esta mudança nos “status quo” traria ao longo dos séculos. Atualmente a grande maioria das igrejas cristãs adotam a prática do batismo de adultos e por imersão, prática esta iniciada por batistas piedosos que desejaram conformar suas práticas eclesiológicas com o mais próximo daquilo que a Bíblia lhes apresentava. Muito embora, a enorme maioria dos evangélicos atuais, que adotam esta prática, infelizmente, desconhecem em que ponto da história ela foi resgatada, isso até mesmo dentro daqueles que se denominam batistas na atualidade. Espera-se que este pequeno artigo possa incentivar uma investigação mais apurada e detalhada da teoria aqui apresentada acerca do resgate do batismo imersionista de adultos, mediante pública profissão de fé.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Versão Nova Almeida Atualizada**. Bauru: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã** (Edição Clássica). Vol 4. 2ª Edição. São Paulo. Editora Cultura Cristã, 2006, p. 307).

CARROL, J.M. **O rasto de sangue: Acompanhando os cristãos através dos séculos, desde os dias de Jesus até o tempo presente**. São Paulo: Editora UICLAP, 2021.

CHUTE, Anthony L; FINN, Nathan A; Haykin, Michael A. **História dos Batistas: da Inglaterra para o mundo**. Trad. Renan Lima e Shirley Lima; Rio de Janeiro, Pro Nobis Editora, 2022.

CROSBY, Thomas. **The History of the English Baptists: From the Reformation to the Beginning of the Reign of King George I**. Volume 1. printed for, and sold by, the Editor, 1738.

DOWNING, William R. **Batismo de crentes por imersão, um distintivo neotestamentário e batista**. Francisco Morato: Editora O Estandarte de Cristo, 2015.

FACULDADES BATISTA DO PARANÁ. **Manual de normas técnicas acadêmicas e científicas da Fabapar**. 1.ed. Curitiba: FABAPAR, 2018.

HAYKIN, Michael A G. **Os primeiros batistas: redescobrimo nossa herança inglesa**. Trad. Shirley Lima; Rio de Janeiro, Pro Nobis Editora, 2020.

HAYKIN, Michael A G. FINN, Nathan A. CHUTE, Anthony L. **História dos Batistas: da Inglaterra para o mundo**. Trad. Renan Lima; Rio de Janeiro, Pro Nobis Editora, 2022.

JOHNSON, Jeffrey D. **A Falha Fatal da teologia por trás do batismo infantil**. Trad. William e Camila Teixeira. Francisco Morato-SP. Editora O Estandarte de Cristo, 2018.

KIFFIN, William. **Manuscrito Kiffin**. Disponível em <https://rastro-deagua.files.wordpress.com/2018/07/traduc3a7c3a3o-ms-kb.pdf> acessado em 29/06/2023 às 22:35.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **Liberdade e exclusivismo**: um ensaio sobre os batistas ingleses. Recife. Horizontal Editora e STBN Edições, 1997.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **Um povo chamado batista**: história e princípios. 3ª edição revista e ampliada. Recife. Editora Kairós, 2014.

PAIXÃO, Marcus. **Batistas Gerais**: a conflituosa congregação de John Smith e Thomas Helwys. Campo Maior-PI; Editora CHTB, 2022.

PAIXÃO, Marcus. **Henry Jacobs e os Batistas**: a igreja de Jacob e sua relação com os batistas particulares. Campo Maior-PI; Editora CHTB, 2022.

PAIXÃO, Marcus. **Introdução à Primeira Confissão de Fé Batista de Londres**: comentário da primeira confissão de fé batista de Londres – volume I. Campo Maior-PI; Editora CHTB, 2021.

STANDER, Hendrick F; LOUW, Johannes P. **El bautismo em la iglesia primitiva**: una análisis histórico de la pratica del bautismo em los primeiros cuatro siglos de la iglesia cistiana. Trad. Carlos Aleman Dyez; Santo Domingo-EQU, Editorial Legado Bautista Confessional, 2021.

TEIXEIRA, William. **A Confissão de Fé Batista de 1644**. Francisco Morato: Editora O Estandarte de Cristo, 2015.